

REVISTA  
DO  
MUSEU PAULISTA

NOVA SÉRIE — VOLUME XXXIII  
SÃO PAULO  
1988

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

## MAXIMILIANO E OUTROS PRÍNCIPES ALEMÃES

Odilon Nogueira de Matos (\*)

Há quase meio século, precisamente em 1935, Luís da Câmara Cascudo elaborou pequeno, mas valioso, ensaio sobre Maximiliano de Wied-Neuwied, o famoso príncipe-naturalista que entre 1815 e 1817 viajou pelo nosso país, particularmente pelas províncias do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia, publicando, em 1820, um dos mais importantes livros de viajantes estrangeiros sobre o Brasil. Luís da Câmara Cascudo, então nos seus trinta e poucos anos, já se fizera conhecido por algumas obras históricas, entre as quais uma biografia do Conde d'Eu, um dos primeiros volumes da preciosa coleção "Brasiliana", então no seu início. O ensaio sobre Maximiliano foi levado para o Rio de Janeiro por um seu aluno da Escola Normal de Natal que se transferira para a antiga Capital Federal e ali ficou inexplicável e esquisitamente perdido por mais de quarenta anos, pois foi só em 1976 que alguém da Livraria Kosmos Editora informou que o ensaio fora encontrado no arquivo da casa e demonstrou interesse em editá-lo, o que efetivamente ocorreu no ano seguinte. A publicação foi feita com a reprodução de nove estampas do Príncipe e versões do texto em inglês e alemão, enfim um bonito volume de pouco menos de duzentas páginas.

Escrevendo em 1935, o escritor potiguar, que tão conhecido veio a se tornar pelos seus magníficos estudos de folclore e história regional, lamentava que a obra de Maximiliano não houvesse ainda sido traduzida para a nossa língua. No lapso que mediou entre a redação e a publicação de seu ensaio, houve tempo suficiente para que o grande livro fosse traduzido e publicado. Isto ocorreu em 1940, quando a Companhia Editora Nacional escolheu-o para inaugurar a série Grande Formato da coleção "Brasiliana". Para uma nova edição, em 1958, foi a tradução inteiramente revista e anotada por uma das nossas maiores autoridades em Zoologia, o Dr. Olivério Mário de Oliveira Pinto, bastante vinculado a esta Instituição e há pouco falecido. Ficou a obra nessas duas edições, não tendo a editora cogitado de reeditá-la. A Editora Itatiaia, de Belo Horizonte, que em sua excelente coleção "Reconquista do Brasil" tem reeditado numerosos títulos publicados primeiramente na "Brasiliana", bem poderia interessar-se pelo livro de Maximiliano, pondo-o novamente ao alcance de quantos se dedicam ao estudo de nosso passado e que dificilmente encontrarão hoje a grande obra.

Embora tenhamos já o Maximiliano na íntegra, o ensaio de Câmara Cascudo não perdeu seu interesse, pois soube ele, em poucas páginas, mostrar o valor da obra de Maximiliano, o Príncipe-Naturalista, publicado em

---

(\*) Da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP.

1820 e traduzida para diversas línguas mais de cem anos antes que o fosse para o português. Aliás, nesta preocupação louvável de divulgar a *Viagem* de Maximiliano, embora o trabalho de Câmara Cascudo fosse o primeiro a ser escrito, outro foi publicado antes, enquanto o do escritor potiguar dormia o sono do esquecimento. Referimo-nos ao volume publicado em 1969 pelas Edições Melhoramentos, integrando a série "Brasil Antigo" (valioso empreendimento que não teve continuidade, saindo apenas três volumes, sendo os outros dois sobre Spix e Martius e sobre Debret), contendo, segundo a página de rosto, "excertos e ilustrações", e com introdução de Josef Röder e estudos complementares sobre a contribuição de Maximiliano para o folclore brasileiro (do mesmo Josef Röder) e sobre "Maximiliano e o estudo dos índios do Brasil" de Herbert Baldus. Segundo indicação da editora, "o texto e as gravuras desta edição foram selecionados por Ariosto Augusto de Oliveira". Contém 37 estampas das 41 da edição original, e mais uma do autor acompanhado do índio botocudo Queck, que o príncipe comprou em Porto Seguro e levou para a Alemanha, onde viveu até 1833, falecendo quando viajava seu amo pela América do Norte. Ao contrário do que indica a página-de-rosto não há no volume nenhum excerto de Maximiliano, mas sim os artigos já mencionados de Röder e Baldus. Anote-se que Baldus já havia publicado estudo sobre o príncipe na *Revista do Arquivo Municipal* (São Paulo, 1941, vol. 74, pág. 283-291). E quanto a Röder, é ele o autor de um estudo sobre Maximiliano, publicado em Bonn (1954), em colaboração com Hermann Trimborn.

Embora, pela sua própria formação, a maior parte de seus interesses se voltasse para a fauna, Maximiliano demonstrou em seu valioso livro um espírito sempre aberto para tudo que porventura lhe chamasse a atenção, notadamente os aspectos humanos das regiões que percorreu. Não era — longe disto — um naturalista frio que apenas descrevesse. É um viajante no sentido mais amplo do termo. Eis porque seu livro enfileira-se entre os mais importantes da vasta literatura de viajantes estrangeiros do século XIX. Literatura, diga-se de passagem, de valor muito desigual e onde há de tudo: desde obras capitais que ainda hoje, um século depois, continuam básicas para o conhecimento da vida brasileira da época e pedras angulares para o monumento da história da ciência no Brasil, até relatos apressados, que comprometiam menos o país visitado do que seus próprios autores. Eis porque se trata de fontes que devem ser analisadas com muito critério — e cuidado! — sobretudo para alertar o leitor de hoje, sem parâmetros de julgamento, quanto ao que é realmente verídico e quanto é fruto da má fé ou má vontade de seus autores.

Naturalmente, não é o caso de Maximiliano. Sua formação científica, suas credenciais enfim, asseguram-lhe lugar de destaque entre os viajantes do século XIX. O anotador da edição brasileira chega a afirmar que "nenhum (dentre os viajantes) com ele logrará rivalizar na estima e dos que entre nós se dedicam aos estudos zoológicos, pois que ainda hoje poderá servir de guia fiel e ameno para o conhecimento da fauna das zonas percorridas pelo douto e aguçado viajante". Suas informações, ainda no dizer do mesmo

anotador, são sempre “exatas e precisas”. “Aliado à mais intransigente proibição científica a bonomia e serenidade de espírito do verdadeiro filósofo, nas descrições dos seres e quadros de nossa Natureza uma só vez não lhe escaparam inexpressivos lugares comuns, exageros ou fantasias, deslizes tão frequentes nas obras dos melhores autores, e ainda muito menos conceitos tendenciosos ou deprimentes sobre a gente e a terra alvo de sua curiosidade esclarecida”. Vindo de quem vêm, tais conceitos revestem-se de suma importância e credibilidade. E como se não bastasse a opinião de um zoólogo do porte de Olivério Mário de Oliveira Pinto, temos, ainda, o depoimento de um etnógrafo da categoria de Herbert Baldus, que do mesmo viajante cuidou pelo menos em duas oportunidades, afixando ao Príncipe lugar de destaque também entre os que trataram da etnografia brasileira. No seu conceito, o etnógrafo não fica aquém do zoólogo. Embora opondo-se a algumas generalizações a que se arriscara o naturalista, não titubeia o saudoso autor de *Tapirapés* em colocá-lo ao lado de um Martius, um von den Steinen ou um Ehrenreich, com a diferença, naturalmente, de que estes últimos tiveram maiores oportunidades de contato com os grupos indígenas que visitaram. É ainda de Baldus a seguinte afirmação: “A glória de Wied na história do estudo dos índios do Brasil provém, principalmente, do fato de ter-nos dado a primeira monografia sobre uma tribo do país, escrita por um cientista”. Embora, acrescentamos nós, não fosse um cientista de formação especializada na área em que penetrou circunstancialmente. De fato, e aqui cabe razão a Baldus, o que tínhamos, antes, sobre grupos indígenas provinha de missionários ou de viajantes exploradores nada qualificados cientificamente. O que provocou o conceito tão significativo de Baldus foi o estudo sobre os Botocudo, que constitui o primeiro capítulo do tomo segundo da *Viagem ao Brasil* (págs. 283 a 326 da edição brasileira), modestamente denominado “Algumas palavras sobre os Botocudo”.

A área percorrida por Maximiliano não foi das mais extensas, especialmente se considerarmos outros viajantes da época (Martius e Saint-Hilaire, entre outros), pois, partindo do Rio de Janeiro, foi feita apenas até a Bahia, com incursões pelo interior fluminense, pelo vale do Rio Doce e pelo sul da Bahia, até a divisa com Minas Gerais. Antes de empreender a jornada, estando em Niterói, interessou-se em visitar a aldeia dos índios de São Lourenço, nas imediações da futura capital fluminense. Perfeitamente válida sua observação quanto à influência indígena na nomenclatura zoológica brasileira.

A 4 de agosto de 1815 deixou o Rio de Janeiro rumo a Cabo Frio. Neste percurso descreve pormenorizadamente São Pedro dos Índios (atualmente São Pedro da Aldeia). Contradiz a Koster em alguns dos seus juízos a cerca de índios de Pernambuco, embora possa acreditar que os índios que o viajante inglês conheceu estivessem mesmo em grau inferior de cultura. Mas observa que “parte das acusações sobre rudeza e frequente mau caráter desses índios se deve descontar do tratamento errado e opressivo que outrora lhes dispensaram os europeus, os quais, muitas vezes, nem reconheciam neles criaturas humanas, associando, aos apelidos de caboclos e tapúias, a idéia de animais, criados apenas para serem maltratados e tiranizados”.

De Cabo Frio foi a Macaé e a Campos (então Vila de São Salvador). A estada nesta vila propiciou-lhe a primeira excursão ao interior, visitando os Puris e Coroados de São Fidelis, aldeia fundada havia cerca de trinta anos por capuchinhos italianos, um dos quais ainda vivia na época da visita do Príncipe. Suas observações sobre os Puris são expressivas, quer quanto aos costumes ou quanto à língua. Uma etapa seguinte levou-o ao Espírito Santo, com descrições pormenorizadas de Benevente, Vila Velha e Vitória, esta praticamente no seu início, pois fora fundada para servir de capital à nova Província do Espírito Santo. A situação desta nova cidade certamente lhe propiciaria maior desenvolvimento, mesmo à custa de outras povoações, como era precisamente o caso de Vila Velha, “onde se ergue o famoso convento de N. S. da Penha, um dos mais ricos do Brasil”.

Numa excursão pelo Rio Doce teve os primeiros contatos com os Botocudos, dos quais se ocupará em numerosos passos do seu livro. Refere-se ao combate que o Ministro Linhares deu aos Botocudos, estabelecendo ou reforçando postos militares à margem do Rio Doce para proteger as comunicações com Minas Gerais. Linhares acabou vinculando seu nome ao povoamento e colonização do Espírito Santo, donde seu nome ter sido dado a uma povoação, que foi a próxima etapa de Maximiliano.

O trecho do Rio Doce a São Mateus foi percorrido no findar de 1815, “trecho de uma solidão melancólica, na maior parte do qual nem mesmo água fresca se encontra”. À tardinha de 1º de janeiro, chegou a São Mateus, na barra do rio do mesmo nome. Não se demorou na vila, prosseguindo viagem para o Mucuri, domínio não mais dos Botocudos, mas Patachós, Maconis, Malalis, Maxacalis etc. Destes últimos, ocupou-se mais demoradamente, quase que pela mesma ocasião, Ferdinand Denis nos capítulos 18 e 19 de seu livro *Scènes de la Nature sous les Tropiques*, publicado em 1824 (Paris, L. Janet) <sup>(1)</sup>.

Todo o ano de 1816 passou Maximiliano em viagens pelo Espírito Santo, interior de Minas e Bahia, retornando a Belmonte no fim de dezembro. Pretendeu, no seu dizer, “travar conhecimento com as belas e interessantes matarias das margens do Belmonte”. Ingressou, assim, no chamado “Sertão”, entrando novamente em contato com os Botocudos. Com este capítulo (XI), um dos mais interessantes da obra, encerra-se o primeiro tomo das suas narrativas.

O segundo tomo inicia-se com a já referida notícia sobre os Botocudos, tão valorizada por Herbert Baldus. Continuando, prosseguiu viagem por Ilhéus, São Pedro de Alcântara, Rio Salgado, Barra do Vereda, até os limites com a capitania das Minas Gerais. Dali, à Conquista (atualmente Vitória da Conquista) donde seguiu para a capital da Bahia, da qual deixou exce-

---

(1) Estes dois capítulos da obra de F. Denis foram individualizados para uma tese de doutoramento por Jean Paul Bruyas, traduzida por Maria Cecília de Moraes Pinto e publicada pelo Conselho Estadual de Cultura, de São Paulo, em 1979 (Coleção Ensaio, vol. 20). Infelizmente não há neste volume nenhuma referência à data da publicação em França do excelente e erudito estudo do professor Bruyas.

lente descrição. Da capital baiana retornou à Europa pelo navio "Princesa Carlota", embarcando a 10 de maio de 1817.

É deveras surpreendente que numa viagem tão curta para um naturalista (menos de dois anos) houvesse Maximiliano observado e relatado tanta coisa. Seu livro é denso, sem as divagações freqüentes em muitos viajantes. Daí a riqueza de informações que contém. Como apêndice, traz um capítulo "Sobre a maneira de se empreenderem no Brasil viagens relativas à História Natural", diversos vocabulários dos povos indígenas mencionados no livro (Botocudos, Maxacalis, Patachós, Malalis, Maconis, Camacãs), um mapa da parte do Brasil por onde andou, seguido de um comentário sobre o mesmo. Vem a obra enriquecida com 41 estampas. Na maioria, desenhos de sua própria autoria, "esboçados *in-loco* por mim próprio e ulteriormente aperfeiçoados". Alguns, entretanto, são de Sellow, seu companheiro de viagem.

Publicada, com já se indicou, em 1820, por H. L. Brönnner, em Frankfurt-sobre-o-Meno, a obra de Maximiliano teve originariamente, em língua alemã, duas edições simultâneas, ambas em dois tomos: uma, em grande formato, acompanhada de magnífico atlas e aparentemente privativa dos subscritores constantes da lista nela publicada, outra, em formato comum e em caracteres góticos, desacompanhadas de atlas e apenas possuidora dos mapas. Traduzida para o inglês (com duas edições, ambas em 1820), para o francês (também com duas edições, 1821 e 1822) e para o italiano (1821 e 1822). Do interesse que despertou a obra é suficiente mencionar que justificou, além das traduções, uma edição abreviada, na própria língua alemã, preparada por E. Hildebrandt e publicada em Leipzig em 1820, por Gotfried Basse.

Posteriormente o Príncipe-Naturalista publicou mais dois livros sobre o Brasil: *Beiträge zur Naturgeschichte von Brasilien* e *Abbildungen zur Naturgeschichte von Brasilien*, ambos publicados entre 1823 e 1833.

Quinze anos após a viagem ao Brasil, empreendeu Maximiliano outra viagem, desta vez à América do Norte, dela resultante o livro *Reise in das Innere Nord America in den Jahren 1832 bis 1834*, dois volumes com um atlas, editado por J. Hoelscher, de Coblenz, 1839-1841. Dele existe uma tradução francesa, sem data de impressão nem nome do tradutor. Uma nota sobre este livro foi fornecida a Câmara Cascudo por Percy Martin, professor da Universidade de Stanford, e incluída no volume da Editora Kosmos, que provocou este nosso comentário. Retornando ao seu país, passou o resto de sua vida em Neuwied, freqüentando círculos científicos para os quais foi eleito, a eles apresentando eruditas memórias, solteirão e tranqüilamente vivendo seus últimos anos até 3 de fevereiro de 1867, quando faleceu aos 87 anos, pois nascera a 23 de setembro de 1782.

Em seu livro, a que de início fizemos referência, Luís da Câmara Cascudo refere-se a "dois outros príncipes alemães" que pediriam, igualmente, um estudo carinhoso de suas viagens, tal como o escritor rio-grandense fizera com Maximiliano de Wied-Neuwied. Mais precisamente, um príncipe e uma princesa: Adalberto da Prússia e Teresa da Baviera. Quanto ao pri-

meiro, se não existe um “estudo carinhoso de suas viagens”, dispomos, contudo, da tradução integral de seu livro, publicado originalmente em 1847, reeditado dez anos mais tarde e pouco depois traduzido para o inglês. Para a língua do país que o livro descreve, a tradução só apareceu cento e trinta anos depois de publicado na Europa... Tal como no caso de Maximiliano.

Adalberto da Prússia chegou ao Rio de Janeiro em 1842, excursionando pelos arredores da Capital e pelo interior da província fluminense, retornando ao Rio, seguiu viagem pouco depois para o norte do país, percorrendo o vale do Amazonas até a foz do Xingu e por este alcançou a foz do Piranhaguara, ponto que não havia ainda sido alcançado por outros exploradores. Ao tempo em que Câmara Cascudo escreveu seu ensaio sobre Maximiliano (1935), estávamos, de fato, muito longe do grande interesse que nos últimos anos vem despertando a literatura dos viajantes estrangeiros que escreveram sobre o Brasil, especialmente os do século passado <sup>(2)</sup>. O próprio autor de quem ele se ocupou não havia ainda sido traduzido.

A tradução da obra do Príncipe Adalberto constitui, de fato, uma das boas realizações da Editora Itatiaia, de Belo Horizonte (sempre em convênio com a Editora da Universidade de São Paulo), que a divulgou na coleção “Reconquista do Brasil”, volume 34 (1977, 244 páginas). Intitula-se *Brasil: Amazonas-Xingu*, sendo responsável pela tradução Eduardo de Lima Castro, a quem já devíamos uma excelente tradução de *Brasil, Terra e Gente*, de Canstatt <sup>(3)</sup>. Teria sido preferível dar ao livro o título original, que é simplesmente *Diário*, ou quando muito *Diário de Viagem*. Tal como foi publicado em português, dá impressão que o livro só se refere ao Amazonas e ao Xingu. E é uma pena que a edição brasileira tenha reproduzido apenas uma das numerosas gravuras da edição original.

Agora, quanto a Princesa Teresa da Baviera, de fato, permanece inédita em português. Viajou pelo Brasil em fins do século passado, publicando em 1897 sua *Meine Reise in den Brasilianischen Tropen* (“Viagens aos trópicos brasileiros”). Embora seu livro não tenha ainda cem anos, é dos menos conhecidos e citados. Além de Câmara Cascudo, só o encontramos referido na Bibliografia do Rio de Janeiro, de Paulo Berger <sup>(4)</sup>.

Valeria a pena publicá-lo (e aqui fica a sugestão às editoras ou instituições eventualmente interessadas), não só pelo valor do livro, como também porque são raríssimos os livros de viagens escritos por mulheres. Mais ainda uma princesa...

---

(2) Cf. nosso trabalho *A literatura dos viajantes estrangeiros como fonte para a nossa história*. “Memória da Primeira Semana da História”, França, 1979.

(3) Duas edições existem dessa tradução: a da Editora Pongetti, Rio de Janeiro, 1954, e a da Editora Conquista, Rio de Janeiro, 1975 (Coleção Temas Brasileiros, vol. 18).

(4) Berger, Paulo — *Bibliografia do Rio de Janeiro de viajantes e autores estrangeiros*. Rio de Janeiro, Livraria São José, 1964, 2.<sup>a</sup> edição aumentada e revista: Rio de Janeiro, Secretaria de Estado de Educação e Cultura, 1980.